

PERSONAGEM

Mineira de Cássia, Adélia Borges conquistou o sonho de ser jornalista e desbravar o mundo. Inquieta, mergulhou em várias outras profissões e, hoje, se realiza no design

LILIAN MONTEIRO

Adélia Borges são muitas. Tem a jornalista, a curadora, a design, a escritora, a gestora, a professora e a mãe de família. Polivalente, é aquele tipo de jogadora que atua bem em várias posições. Mineira de Cássia, é a caçula de sete filhos. Deixou Minas bem cedo, aos 4 anos, quando os pais, Adélia e Genu, se mudaram para Ribeirão Preto, interior de São Paulo, em busca de uma vida melhor. Distância que não a impediu de conservar e exaltar sua mineiridade. O estilo de vida, a visão de mundo, as raízes da roça são o background que lhe dá orgulho: “Mineiro é dono de vida interior muito rica, quieta, profunda e pouco estereotipada. Meus pais não tiveram estudo, mas grande sabedoria. É magia que Guimarães Rosa consegue captar. Quanto mais viajo, dentro e fora do Brasil, mais orgulho tenho de ser de Minas Gerais”.

De família grande, casa sempre cheia, as lembranças mais tenras remetem aos pés de goiaba e jabuticaba, ao galinheiro e ao sabor da pamonha. A vida escolar, passada a maior parte em escola pública, foi em colégio de freiras e estaduais. Em 1969, foi para São Paulo fazer jornalismo na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP), onde vive até hoje. A primeira profissão foi um sonho despertado pelo pai: “Cássia é num vale e meu pai dizia que era preciso enxergar atrás da serra. Ela era um empreendedor, comerciante, foi vereador e viajou até com Juscelino Kubitschek. E lá de cima da serra, um dia, ele avistou Ribeirão Preto, lugar de terra vermelha e fértil, e disse que naquela cidade iria educar seus filhos e ser bem-sucedido. Aprendi com ele a ver além. Por isso escolhi o jornalismo, na esperança par ver atrás da serra e relatar para as pessoas. Valorizo demais a profissão. Sempre pensei e imaginei conhecer o mundo, que era bem maior do que via no meu dia a dia. O sonho sempre foi ampliar os horizontes”.

E olha que o início de Adélia no jornalismo foi dos mais difíceis, em plena ditadura militar. Jornais censurados e no lugar de matérias receitas de bolo e poesias de *Os Lusíadas*. Ela chegou a ter uma matéria, edição especial para o jornal onde trabalhava, sobre o trabalho da mulher, com estatística do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) e tudo, 90% censurada. Mas não cedeu. Foi militante de sindicato e de grupos de esquerda, participou de greve de jornalistas e da imprensa feminista. Atuante, o mercado se fechou. No entanto, a saída surgiu depois de uma matéria sobre os conglomerados das capitais do Brasil. Em Curitiba, se deparou com as primeiras ruas de pedestres, mobiliário urbano, e, ao conhecer o arquiteto, ex-prefeito e ex-governador Jaime Lerner, descobriu como o design pode ajudar a vida das pessoas no espaço público. Foi o primeiro contato, isso nos anos 1970.

DESCOBERTA Com a descoberta, nos anos 1980 passou a escrever para uma revista de design, o que a faz contestar aqueles que dizem não existir design no Brasil: “O que não tinha era informação e comunicação sobre a área”. Adélia se envolveu, buscou especializações e, num determinado momento, houve demanda para fazer exposição, ela encarou o desafio e já mergulhava em outra direção: “A curadoria é mais ou menos como fazer uma reportagem. No jornal, tem pesquisa, entrevista e um espaço em branco na página. Na exposição você também tem o espaço, o relato é o mesmo e é preciso organizar as ideias e editar o mais importante. Eu me encantei por esse universo. E o que mais me toca nas duas áreas é que falo de comunicação e tenho a possibilidade de descobrir gente com talento e ampliar suas oportunidades, fazer o efeito multiplicador. É

MULHER MÚLTIPLA

MARIANA CHAMA/DIVULGAÇÃO



Mineiro é dono de vida interior muito rica, quieta, profunda e pouco estereotipada. Meus pais não tiveram estudo, mas grande sabedoria

bom arriscar, não gosto de ficar só nas certezas. Tenho o orgulho de ter redigido a primeira reportagem dos irmãos Campana, quando fui procurada pelo Humberto”.

A Adélia escritora surgiu dentro do design, já que seus livros são relacionados com esse mundo. O mais conhecido e de sucesso comercial é o *Designer não é personal trainer*, além de perfis de profissionais como Sergio Rodrigues e Cláudia Moreira Sal-

les: “O interessante do livro é que atinge um público amplo e posso escrever o que der na cabeça, faço como uma crônica do cotidiano, com linguagem próxima e descomplicada. E ele é uma mídia mais demorada e gosto de fazer as coisas que levam tempo e tenham fôlego”. Ela confessa que espera ter muitos títulos por aí: “Na cabeça tenho vários, evoluídos até. O problema é conseguir pa-

trocínio, já que a produção de livros de design é cara”.

O papel de gestora emocional Adélia. De maio de 2003 a maio de 2007, ela dirigiu o Museu da Casa Brasileira, da rede de museus públicos paulistas. Em sua administração, a frequência de visitantes cresceu 444%, passando de 20.089 para 109.281 por ano. Chegou, inclusive, a ganhar um prêmio na Dinamarca pela atuação: “Procurei fazer um trabalho volta-

do para a inclusão, democrático, e tratar os temas de forma dinâmica para todo o público. Não era só exposição, mas cultura em geral. O museu já era numa casa imponente, da elite paulistana, e intimidava o visitante mais humilde. Quis abrir o espaço para ele se sentir bem. Foi o que ocorreu”.

Foram quatros anos de mandato no museu e ela voltou a ser curadora independente com destaque para as

exposições *Uma história do sentar*, no Museu Oscar Niemeyer (PA); *Contemporary brazilian design*, no San Francisco Design Center (EUA), e *Kumuro bancos indígenas da Amazônia*, no Carreau du Temple, em Paris. Desde então, Adélia prioriza a divulgação do design brasileiro por meio de artigos, cursos, exposições e palestras. Já fez conferências em várias cidades, inclusive na Argentina, Austrália, Chile, Espanha, Estados Unidos, Japão, México, Paraguai e Uruguai. Ainda no currículo, artigos, textos para catálogos ou capítulos de livros de sua autoria publicados em português, alemão, coreano, espanhol, francês, inglês, italiano e japonês. Tem mais. Adélia dá aulas de história do design brasileiro na Fundação Armando Álvares Penteado (Faap), em São Paulo.

SIMPLES A última empreitada é a exposição *Design brasileiro hoje: fronteiras*, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em curso até 28 de junho. A mostra procura ressaltar a relevância global e a interdisciplinaridade inerente ao design produzido atualmente no país por meio de peças utilitárias com as mais diferentes vocações, de móveis a objetos, equipamentos, veículos, acessórios, livros, embalagens, luminárias, vinhetas e apresentações para tevê e cinema. São projetos recentes, do século 21, como as famosas sandálias Melissa desenhadas pelos irmãos Campana, e as bijuterias de borracha de Marzio Fiorini. Entre os participantes, os mineiros Eduardo Recife, João Grillo, Marcelo e Marconi Drummond e Márcia Larica: “É uma exposição que queria fazer há algum tempo. Com palestras fora do país, percebi o aumento da curiosidade sobre o design brasileiro. Quis o retrato da riqueza do design neste momento, não como um ranking, mas pontuar a efervescente produção. Eduardo Recife é um grande nome e Minas faz design bem interessante”. A exposição terá itinerância internacional.

Para o futuro, o lançamento de um livro que aproxima o design do artesanato, além de trabalhar no projeto sobre uma nova instituição em São Paulo chamado Pavilhão das Culturas Brasileiras, no Parque do Ibirapuera, num prédio dos anos 1950, de Oscar Niemeyer: “O projeto é da prefeitura, já foi aprovado e agora cuido da exposição, que terá minha curadoria e o tema Guimarães Rosa: Puras misturas. Na verdade, o nome não está definido, mas com essa linda e contraditória expressão do escritor, a ideia é mostrar esse diálogo, a permeabilidade entre cultura erudita e popular no Brasil, como elas conversam. Pegamos emprestado o conceito de Guimarães”. E ainda a exposição *Para sempre modernos*, na galeria Passado Composto Século 20, sobre móveis brasileiros modernos, com a participação de Joaquim Tenreiro, Sergio Rodrigues, Jorge Zalzupin e Jean Gillon, de 16 de junho ao final de julho.

Mãe de Joana, formada em ciências sociais pela USP, e cursando mestrado em Marabá, e de Bruno, músico, percussionista da Barbatuque e integrante da banda da cantora Céu, Adélia, aos 57 anos, mora no Bairro de Pinheiros, numa casa com jardim, para ter a natureza, que lhe lembra Minas, por perto: “Há 40 anos em São Paulo, aprendi que o bacana da cidade é o povo. Aliás, a capital tem uma energia criativa que a torna uma das grandes do mundo, com pulsação forte, e por isso pode ser apontada com uma das cidades da cultura no século 21. E o caos, que amedronta muitos, é maior para quem nos visita. Na minha casa fico tranquila, num modo de vida bem mineiro e preservando, antes de mais nada, a simplicidade”.